


TERRAS DO SEM FIM, DE JORGE AMADO, A LITERATURA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA AMBIENTAL NO BRASIL

TERRAS DO SEM FIM, DE JORGE AMADO: LA LITERATURA COMO FUENTE PARA LA HISTORIA AMBIENTAL EN BRASIL

Recebido em: 23/01/2026

Aceito em: 28/02/2026

Publicado em: 24/05/2026

Verônica Andrade Braga Sousa¹ 
Universidade Estadual do Ceará

Resumo: O presente trabalho analisa a obra *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, a partir da perspectiva da História Ambiental, compreendendo a literatura como fonte relevante para a interpretação das relações históricas entre sociedade e natureza. O estudo tem como objetivo investigar de que maneira o romance representa os impactos sociais, econômicos e ambientais decorrentes da expansão da lavoura cacauzeira no sul da Bahia, especialmente no início do século XX. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e analítico, fundamentada em referenciais teóricos da História Ambiental, como Worster (1991), Duarte (2005), Soffiati (2008), e dos estudos interdisciplinares entre História e Literatura, como Furet (1986), Ginzburg (1989), Gaddis (2003). A narrativa amadiana evidencia práticas predatórias de exploração da terra, desmatamento, concentração fundiária e violência social, revelando como o ambiente natural foi subordinado à lógica do lucro e do poder econômico. Além disso, a obra permite compreender a natureza não apenas como cenário, mas como elemento ativo na constituição dos conflitos históricos. Por isso, *Terras do Sem Fim* constitui uma importante fonte literária para a análise histórica das crises socioambientais brasileiras, contribuindo para reflexões críticas sobre desenvolvimento, sustentabilidade e memória ambiental.

Palavras-chave: História Ambiental; Literatura Brasileira; Jorge Amado; Meio Ambiente; Sociedade.

Resumen: El presente trabajo analiza la obra *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, desde la perspectiva de la Historia Ambiental, comprendiendo la literatura como una fuente relevante para la interpretación de las relaciones históricas entre sociedad y naturaleza. El estudio tiene como objetivo investigar de qué manera la novela representa los impactos sociales, económicos y ambientales derivados de la expansión del cultivo del cacao en el sur de Bahía, especialmente a comienzos del siglo XX. La investigación adopta un enfoque cualitativo, de carácter bibliográfico y analítico, sustentado en referentes teóricos de la Historia Ambiental, como Worster (1991), Duarte (2005) y Soffiati (2008), así como en los estudios interdisciplinarios entre Historia y Literatura, tales como Furet (1986), Ginzburg (1989) y Gaddis (2003). La narrativa amadiana pone en evidencia prácticas depredadoras de explotación de la tierra, deforestación, concentración de la propiedad rural y violencia social, revelando cómo el medio natural fue subordinado a la lógica del lucro y del poder económico. Asimismo, la obra permite comprender la naturaleza no solo como escenario, sino como un elemento activo en la configuración de los conflictos históricos. Por ello, *Terras do Sem Fim* constituye una importante fuente literaria para el análisis histórico de las crisis socioambientales brasileñas, contribuyendo a reflexiones críticas sobre desarrollo, sostenibilidad y memoria ambiental.

Palabras clave: Historia Ambiental; Literatura Brasileña; Jorge Amado; Medio Ambiente; Sociedad.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a preocupação com o meio ambiente tem ganhado destaque nos debates públicos e acadêmicos. Essa atenção crescente está relacionada, sobretudo, às calamidades ambientais vivenciadas na contemporaneidade, bem como às projeções alarmantes para o futuro do planeta. Tais acontecimentos são, em grande medida, consequências dos

¹ Universidade Estadual do Ceará. E-mail: veronik.andrade.b@gmail.com

hábitos predatórios da sociedade moderna, moldada por um modelo desenvolvimentista que prioriza o acúmulo de capital em detrimento da preservação ambiental.

Na obra *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, é possível observar como o ambiente ocupa papel central no enredo: desmatamento, exploração intensiva da terra e da mão de obra, disputas violentas por território - todos motivados pela ânsia de poder, especialmente o poder econômico. A narrativa, ao retratar a expansão da lavoura cacaueteira no sul da Bahia, evidencia as relações de dominação que se constroem a partir da degradação da natureza, revelando como o ambiente é historicamente apropriado, explorado e subordinado à lógica do lucro.

Assim, *Terras do Sem Fim* configura-se como uma fonte valiosa para análises no campo da História Ambiental, pois esta não se limita a estudar os impactos ambientais isoladamente, mas investiga também como o ambiente, ao longo do tempo, moldou as sociedades humanas e foi, por elas, transformado. A obra de Jorge Amado permite compreender as múltiplas camadas dessa interação - econômica, social, política e ecológica - revelando as implicações históricas da relação entre natureza e cultura. Logo, essa pesquisa se mostra pertinente e justificável por destacar o caráter político da História Ambiental através da literatura, desde suas origens vinculadas às lutas ecológicas, até seu papel atual na formação de sujeitos críticos e conscientes das crises socioambientais. A abordagem, portanto, transcende o mero diagnóstico de danos ambientais, propondo uma reflexão histórica sobre os modos de vida e suas consequências para o planeta.

PENSAR HISTORICAMENTE A NATUREZA: OS CAMINHOS DA HISTÓRIA AMBIENTAL

Segundo Worster (1991), historiador norte-americano, antigamente o único assunto importante da disciplina história era a política e o único campo de interesse era o Estado nacional, chamada pelo autor de velha história. Contudo, com o passar dos anos, os historiadores começaram a adentrar em outras questões, ampliando as perspectivas, diversificando e aprofundando os assuntos, a fim de reconceituar os estudos de história. Com isso, surgem os historiadores ambientais como parte de um esforço revisionista que busca tornar a disciplina histórica mais inclusiva em suas narrativas.

Essa abordagem procura afirmar que a experiência humana sempre esteve profundamente condicionada pelos elementos naturais, reconhecendo o ser humano como uma espécie entre outras dentro do ecossistema. Além disso, admite-se a responsabilidade histórica pelas consequências ecológicas provocadas pelas ações humanas no passado cujos efeitos ainda se manifestam no presente e podem repercutir no futuro.

Embora a preocupação com as questões ambientais tenha ganhado força sobretudo a partir do final do século XX, alguns autores já discutiam a presença da natureza na História anteriormente. A própria Escola dos Annales demonstrou interesse pela temática e há décadas veio demonstrando interesse com o meio ambiente, seja por meio da vida rural ou a geografia social, autores como Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel já prévia a importância do meio ambiente para o estudo da História.

Em 1974, Emmanuel Le Roy Ladurie, também da escola Annales e um dos nomes mais relevantes nesse campo, destacava que os estudos sobre meio ambiente já vinham sendo desenvolvidos havia algum tempo, dentro de um movimento que ele denominava de *histoire écologique*. Segundo Ladurie (1974 apud Worster, 1991), a História Ambiental articula temas tanto antigos quanto contemporâneos, tais como:

a evolução das epidemias e do clima, ambos os fatores sendo partes integrantes do ecossistema humano; a série de calamidades naturais agravada por uma falta de antevisão, ou mesmo por uma absurda "disposição" dos colonizadores simplórios; a destruição da Natureza, causada pelo crescimento populacional elou pelos predadores do hiperconsumo industrial; as mazelas de origem urbana e industrial, que leva à poluição do ar e da água; o congestionamento humano ou os altos níveis de ruído nas áreas urbanas, num período de urbanização galopante.

Como afirma Worster (1991, p. 201), “história ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana”. Portanto, os eventos supracitados evidenciam não apenas a vulnerabilidade humana diante da natureza, mas também o impacto que o meio ambiente exerce sobre os rumos da história. Assim, a natureza deixa de ser um mero pano de fundo e passa a ser reconhecida como agente ativo nos processos históricos.

Dessa forma, percebe-se que as questões relacionadas à História Ambiental estão presentes nas experiências humanas há muito tempo. As diversas consequências e calamidades ambientais, sejam elas comprovadamente causadas pela ação humana ou não, reverberam ao longo das décadas, transformando sociedades, modos de vida e formas de organização.

A história, ao se voltar para esse tema [questão ambiental] de forma sistemática e minuciosa, cumpre um importante papel. O vigor e a promessa dessa nova perspectiva, para a qual tantos estudiosos têm se interessado [...] são o fato de que ela poderá (ainda que não necessariamente, é claro) servir prioritariamente à vida e, mais que a sua mera conservação, poderá constituir-se em prol da afirmação de sua abundância. Daí, a história poderá honrar, mais uma vez, a sua disposição de ligar-se à vida presente e aos homens presentes (Duarte, 2005, p. 33-34)

Portanto, a História Ambiental, a chamada "nova história", busca, segundo Worster (1991), responder a três grandes conjuntos de questões, os quais exigem a colaboração de outras disciplinas e o uso de métodos especiais de análise. A primeira questão refere-se à compreensão

da natureza em si: como ela se organiza, funciona e evolui independentemente da ação humana. A segunda aborda a interação entre os sistemas socioeconômicos e o meio ambiente, considerando aspectos como o trabalho, a produção e as relações sociais. Por fim, a terceira questão diz respeito à dimensão simbólica e cultural da relação entre seres humanos e natureza, incluindo os valores éticos, os sistemas legais, os mitos e as crenças que moldam o modo como as sociedades percebem e se relacionam com o ambiente natural.

Ademais, sob uma nova perspectiva do estudo da história e do meio ambiente, Soffiati (2008) propõe o conceito de eco-história como uma vertente da História voltada para compreender as interações entre sociedades humanas e o meio ambiente ao longo do tempo. Para o autor, a eco-história não se limita à análise do passado, mas também assume um papel ativo na transformação da realidade presente, ao oferecer subsídios críticos para repensar práticas sociais, políticas e econômicas. Nesse sentido, ela busca não apenas explicar os processos históricos, mas também contribuir para a construção de uma consciência ecológica e de um futuro mais sustentável.

Os debates impulsionados pelas conferências internacionais sobre a crise ambiental global na década de 1970 fortaleceram os movimentos ambientalistas, o que deu origem a História Ambiental. Contudo, outras áreas também iniciavam suas ações a favor do movimento, a fim de discutir a preocupação global que se instaurava na época, portanto, o interesse acadêmico a acerca da educação ambiental cresceu exponencialmente. Logo, é possível afirmar que “uma série de disciplinas científicas, de práticas profissionais e de ações sociais vieram se ‘ambientalizando’”, como declara Leff (2001, p. 385).

Portanto, essa preocupação não é somente da História, isso mostra a importância da interdisciplinaridade na Educação Ambiental com fito de viabilizar um diálogo entre áreas no processo de formação do sujeito ecológico. História e Literatura são campos do saber que se entrelaçam e se complementam. Embora o ensino da Literatura dependa fortemente de uma base histórica para contextualização, surge a questão: seria possível ensinar História Ambiental com o apoio da Literatura?

Nesse sentido, a reflexão de François Furet é reveladora: “a história é filha da narrativa. Não se define por um objeto de estudo, mas por um tipo de discurso. Dizer que estuda o tempo não tem de fato outro sentido que dizer que dispõe todos os objetos que estuda no tempo: fazer história é contar uma história” (Furet, 1986, p. 81). Com base nessa perspectiva, torna-se plausível reconhecer o grande potencial da literatura como uma fonte singular no ensino de História Ambiental, contribuindo para o desenvolvimento da consciência ambiental dos alunos ao oferecer outras formas de acessar e interpretar o passado.

Ademais, de acordo com Gaddis (2003), embora a História seja um dos meios mais eficazes de ampliação da experiência humana, o historiador não deve assumir para si o monopólio das ideias que precisam ser transmitidas entre as gerações. É fundamental considerar o papel de outros elementos estruturantes da sociedade, como a cultura, a tecnologia, a religião, entre outros. Nessa perspectiva, a arte, especialmente a literatura, também se revela como um importante veículo de transmissão de experiências históricas, uma vez que, segundo o autor, “a literatura pode ser uma fortunada preservação de fontes que abrem portas para outra época” (Gaddis, 2003, p. 20).

Além disso, o mesmo autor argumenta que, embora o historiador não esteja preso à obrigação de representar a realidade de forma literal, ele deve buscar respaldo em critérios de verificação semelhantes aos das ciências sociais, físicas e biológicas. A partir disso, entende-se que o trabalho do historiador não precisa se restringir ao modelo tradicional de ensino, podendo romper com as limitações de tempo e espaço e incorporar a imaginação como ferramenta interpretativa. Afinal, como afirma Gaddis (2003, p. 27), “uma simples crônica de detalhes, embora gráfica, nos encerra em um local ou tempo específico”.

Ao refletir sobre o ensino e a escrita da História, torna-se evidente que a literatura pode ser considerada uma fonte legítima para a compreensão do passado. Essa possibilidade é reforçada por Ginzburg (1989), ao propor que as narrativas literárias fornecem pistas valiosas sobre os contextos sociais, os modos de pensar e agir, e os valores culturais de uma determinada época, além da relação homem-natureza, importante para esse estudo. Por meio da análise desses elementos, é possível interpretar aspectos da cultura e entender de que maneira os acontecimentos históricos em relação ao meio ambiente moldaram a sociedade.

Assim, a literatura se apresenta como uma aliada no trabalho do historiador, inclusive no estudo de História Ambiental, ao possibilitar o acesso a dimensões simbólicas e sensíveis da experiência humana e da natureza, consolidando-se como uma importante ferramenta de interpretação. Com isso, trabalhar a questão ambiental numa perspectiva literária e histórica significa ir além das visões estereotipadas de educação e consciência ambiental.

A VOZ DA MATA NA LITERATURA: UM OLHAR HISTÓRICO-AMBIENTAL SOBRE *TERRAS DO SEM FIM*

O século XX trouxe um alerta contundente à humanidade sobre as graves consequências ambientais resultantes de décadas de exploração e degradação da natureza, com previsões ainda mais preocupantes para o futuro. Um marco fundamental nesse processo foi a publicação da obra *Primavera Silenciosa* (*Silent Spring*), em 1962, pela bióloga e escritora norte-americana

Rachel Carson. A repercussão do livro foi ampla e imediata, contribuindo o fortalecimento dos movimentos ambientalistas ao redor do mundo. A partir daí, a pauta ambiental passou a ocupar espaço crescente nos debates políticos, científicos e sociais, dando origem a políticas públicas, conferências internacionais etc.

No contexto brasileiro, pensadores clássicos como João Capistrano de Abreu, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, ainda na primeira metade do século XX, já chamavam atenção para a relação entre sociedade e natureza. No entanto, o que se diferencia é a maneira como a natureza era concebida: frequentemente vista como cenário das ações humanas, como obstáculo ao desenvolvimento das sociedades ou, ainda, como um recurso a ser explorado e dominado pelo homem (Soffiati, 2008, p. 15).

Com isso, em *Terras do Sem Fim*, Jorge Amado apresenta a natureza como um elemento fundamental na construção da narrativa. O ambiente não apenas compõe o cenário, mas atua como força motriz do enredo, estando intimamente ligado às ações e aos conflitos vividos pelos personagens. Por essa razão, acredita-se que a obra possui grande relevância para a compreensão das relações entre o ser humano e a natureza, oferecendo uma rica perspectiva para análises no campo da História Ambiental.

Sobre o autor, é inegável a significativa contribuição de Jorge Amado para a literatura brasileira. Suas obras, marcadas por uma linguagem acessível e profundamente crítica, abordam questões sociais, econômicas, culturais e políticas do Brasil, sendo até hoje objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento. Grande parte de sua obra é ambientada na Bahia, seu estado natal, refletindo não apenas os cenários locais, mas também as tensões sociais e históricas da região, como o coronelismo, a luta pela terra, o sincretismo religioso e as desigualdades estruturais. Sua literatura, portanto, ultrapassa a ficção, funcionando como um espelho da sociedade brasileira e um importante registro histórico-cultural.

Dessa forma, em *Terras do Sem Fim*, publicado em 1943, Jorge Amado retrata a intensa disputa entre duas famílias abastadas, cujas fortunas foram construídas com base no ciclo do cacau. A narrativa se passa na região de Ilhéus, no sul da Bahia, especialmente nas localidades de Tabocas e Ferradas. Nesse cenário de cobiça e violência, Amado expõe os conflitos fundiários e o autoritarismo dos coronéis, além das desigualdades sociais e a degradação ambiental provocadas pela busca desenfreada por lucro.

As florestas, vistas como obstáculos à ambição dos grandes proprietários, são sistematicamente derrubadas para dar lugar às lavouras, revelando uma paisagem em transformação marcada pela tensão entre natureza e capital. Assim, a terra torna-se símbolo central da narrativa, condensando as relações de poder, resistência e destruição que atravessam

a obra. Nesse contexto, a paisagem descrita por Amado transcende o papel de cenário, assumindo por vezes a função de protagonista do enredo. Em diversos momentos, a natureza se conecta simbolicamente aos sentimentos dos personagens, refletindo seus conflitos internos e ampliando o impacto narrativo da história.

E a chuva caía pesada como se fora o começo de outro dilúvio. Ali tudo lembrava o princípio do mundo. Impenetrável e misteriosa, antiga como o tempo e jovem como a primavera, a mata aparecia diante dos homens como a mais temível das assombrações. Lar e refúgio dos lobisomens e das caporas. Imensa diante dos homens. Ficavam pequenos aos pés da matam pequenos animais amedrontados. Do fundo da selva vinham as vozes estranhas. E mais terrível era o espetáculo, já que a tempestade irrompia com fúria, do céu negro, onde nem a luz de uma estrela brilhava para os homens recém-chegados (Amado, 1981, p.42).

Ademais, Jorge Amado também aprofunda a relação entre o ser humano e a natureza ao abordar o forte vínculo que a população de Ilhéus mantém com sua terra natal, mesmo diante das inúmeras adversidades. Apesar da falta de acesso a serviços públicos básicos, do autoritarismo imposto pelos coronéis, da violência constante e das duras condições de vida, esse povo não abandona sua ligação com a chamada "terra do cacau". A identidade local, enraizada no território e na paisagem, revela um sentimento de pertencimento que resiste às injustiças e à exploração, demonstrando como a terra pode representar mais do que um bem econômico, mas também um símbolo de memória, resistência e afeto coletivo.

(...) já ouviu homens venderem suas roças, juntarem o dinheiro e jurarem na beira da estrada que nunca mais voltariam. Partiam para Ilhéus para esperar o primeiro navio que saísse para a Bahia. Na Bahia tinham de tudo, cidade grande, comércio de luxo, casa de conforto, teatro e bonde de burro. Lá tinha de um tudo, o homem estava com dinheiro no bolso, pronto para gozar a vida. Mas antes do navio sair o homem voltava, o visgo do cacau está pegando na sola dos seus pés, e ele vinha e enterrava de novo o seu dinheiro num pedaço de terra para plantar cacauero.... (...) Diziam que era o visgo do cacau mole que agarra nos pés de um e nunca mais larga (Amado, 1981, p.199).

Além disso, a região foi estruturada a partir da concentração de terras e da centralização do poder político nas mãos dos coronéis, em sua maioria grandes proprietários de fazendas de cacau, fato explorado em *Terras do Sem Fim*.

Ferradas nascera em torno do Armazém de Cacau que Horácio fizera construir ali. Ele precisava de um depósito onde juntar o cacau já seco das suas diversas fazendas. Ao lado do Armazém foram surgindo casas, em pouco tempo se abriu uma rua de lama, dois ou três becos a cortaram, chegaram as primeiras prostitutas e os primeiros comerciantes. Um sírio abriu uma venda, dois barbeiros se estabeleceram vindos de Tabocas, passou a haver feira aos sábados. Horácio mandava abater dois bois pra vender a carne. Tropeiros, que vinham conduzindo tropa de cacau seco das fazendas mais distantes, pernoitavam em Ferradas, os burros vigiados por causa dos ladrões de cacau. (...) Era um mundo primitivo e bárbaro cuja única ambição era dinheiro (Amado, 1981, p.120)

Dessa forma, o auge do crescimento econômico impulsionado pela cultura cacauera ocorreu em um contexto de valorização internacional do produto, marcado por intensos fluxos migratórios, expansão territorial e a fundação de novas fazendas e centros urbanos, especialmente entre as décadas de 1920 e 1930, no início do século XX. A seguir, é possível observar a demarcação territorial de onde se passa o enredo da obra:

Imagem 1: Triáde de lugares-referência na obra (Ilhéus, Itabuna e Ferradas).



Fonte: IBGE (1969)

A narrativa, portanto, gira em torno da disputa pela posse de uma terra ainda não ocupada, coberta por densa mata atlântica: a chamada mata do Sequeiro Grande, considerada por muitos como a mais fértil e promissora para o cultivo do cacau. Movidos pela ambição e pela ânsia de expandir seus domínios, os Badarós e Horácio se enfrentam em um intenso conflito fundiário na região.

Nesse embate, as armas são facões e jagunços, contudo, o poder econômico, as alianças políticas e a influência social são definitivas para a luta. Como bem expressa Jorge Amado (1981, p. 96), ao denunciar a cegueira provocada pela cobiça: “Pode ter a ruindade que tiver, se tem dinheiro o homem não enxerga nada. Homem é bicho que só vê dinheiro, fica cego e surdo

quando vê falar em dinheiro... Por isso é que há tanta desgraça nessas terras”. A citação sintetiza a lógica perversa que rege as relações de poder na região cacauera, onde a terra, mais do que um espaço físico, torna-se objeto de disputa brutal e símbolo de status e domínio.

A exploração das riquezas naturais do Brasil, sem compromisso com a sustentabilidade, é uma prática recorrente desde o período colonial e referenciada na obra *Terras do Sem Fim* com o ciclo do cacau. Desde a extração do pau-brasil até os ciclos do açúcar, ouro, borracha e, mais recentemente, da soja e da pecuária, observa-se um padrão histórico de uso predatório dos recursos naturais. Infelizmente, essa lógica exploratória persiste, marcada pelo descaso ambiental e pela contínua degradação dos ecossistemas, muitas vezes dissociada de qualquer senso de responsabilidade ecológica.

Com isso, segundo José Augusto Pádua (2002), a trajetória histórica brasileira revela uma relação conflituosa entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental, fruto de uma cultura política que privilegia a exploração imediata dos recursos naturais em detrimento de uma gestão ambiental consciente e de longo prazo. Nesse contexto, a História Ambiental surge como um campo fundamental para analisar essas dinâmicas, investigando como a natureza foi afetada e, ao mesmo tempo, condicionou os processos econômicos e sociais.

Além disso, a produção agropecuária é frequentemente apontada como uma das atividades que mais causam impactos ambientais. Contudo, esses impactos não se limitaram à degradação da natureza, também trouxeram ônus significativos para a população. O enriquecimento dos grandes latifundiários foi sustentado, em grande parte, pela intensa exploração da força de trabalho. No Brasil, o uso da mão de obra escravizada foi fundamental para a consolidação das grandes produções agrícolas.

Após o fim da escravidão, os detentores de capital passaram a se aproveitar da extrema pobreza da população para manter práticas exploratórias nas relações de trabalho. Nas fazendas de cacau retratadas na obra analisada, essa problemática é amplamente discutida, como será possível observar a seguir:

Tu não tem instrumento de trabalho, tem que comprar. Tu compra um facão, tu compra uma enxada... E isso já vai ficar por uns cem mil-réis. Depois tu compra farinha, carne, cachaça, café pra semana toda. Tu vai gastar uns dez mil-réis pra comida. No fim de semana tu tem 15 mil réis pra comida. No fim de semana tu tem 15 mil-réis ganho no trabalho (...) Teu saldo é de cinco mil réis, mas tu não recebe, fica lá pra ir descontando a dívida dos instrumentos... Tu leva um ano pra pagar os cem mil-réis sem ver nunca um tostão. Pode ser que no Natal o coronel mande te emprestar mais dez mil-réis pra tu gastar com as putas nas ferradas (Amado, 1981, p. 98).

Ademais, as grandes secas que assolavam o Nordeste impulsionaram fluxos migratórios em direção ao sul da Bahia, levando inúmeros trabalhadores em busca de melhores condições de vida. Aproveitando-se da vulnerabilidade social e econômica desses migrantes, os coronéis, detentores de amplos poderes políticos e econômicos, submetiam-nos a condições precárias de trabalho nas plantações de cacau. Esse fato é reforçando quando um dos personagens diz: “Aqui é o mercado de escravos” (Amado, 1981, p.46) ao se tratar de Ílheus.

Esses grandes proprietários, portanto, não mediam esforços para impedir o avanço dos pequenos agricultores, recorrendo, inclusive, à violência extrema, como a contratação de jagunços e o assassinato de opositores. Utilizavam sua influência para manter o domínio sobre as terras e consolidar o monopólio fundiário, como será descrito a seguir:

Coronel Horácio fez um caxixe mais Dr. Rui, tomaram a roça que nós havia plantado.... Que a terra era dele, que Joaquim não era o dono. Veio com os jagunços mais uma certidão do cartório. Botou a gente pra fora, ficaram até com o cacau que já estava secando, prontinho para vender. Joaquim era bom no trabalho, não tinha mesmo medo do pesado. Ficou acabado com tomada da roça, deu de beber. E uma vez, já bebido, disse que ia se vingar, ia liquidar com o coronel. Tava um cabra do coronel por perto, ouviu, foi contar. Mandaram tocaiar Joaquim, mataram ele na outra noite, quando vinha pra Ferradas (Amado, 1981, p. 31)

Outra calamidade ambiental retratada na obra refere-se às doenças que acometiam os trabalhadores. Devido à ausência de assistência médica e às precárias condições sanitárias, essas enfermidades frequentemente resultavam em mortes. A mais recorrente entre elas era a varíola, popularmente conhecida como “bexiga”, que se espalhava com facilidade entre os trabalhadores, agravando ainda mais a situação de vulnerabilidade nas fazendas de cacau, como relata uma imigrante: “quase que não vinha porque me contaram que dava uma febre por essas bandas que mata até macaco” (Amado, 1981, p. 33).

Por fim, observa-se que a disputa territorial retratada na obra é marcada por intensos episódios de violência, corrupção e interesses econômicos, revelando as profundas tensões sociais e os processos de degradação ambiental impulsionados pela expansão da monocultura do cacau e pela lógica concentradora do poder agrário da época. Nesse sentido, *Terras do Sem Fim* revela-se uma obra extremamente pertinente para a análise dos princípios da História Ambiental, oferecendo uma narrativa rica para compreender as relações entre sociedade e natureza. Sua leitura pode ser valorizada como uma fonte histórica especial, capaz de fomentar a interdisciplinaridade entre Literatura, História e Ecologia, contribuindo para a formação crítica de leitores e pesquisadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas ao longo desta pesquisa buscaram evidenciar o valor da literatura como instrumento significativo para a compreensão da História Ambiental. Ao analisar *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, foi possível perceber como a ficção pode contribuir para a leitura crítica das relações entre sociedade e natureza, ao retratar de forma densa os impactos da exploração econômica sobre o meio ambiente e sobre as populações vulneráveis. A obra transcende a narrativa romanesca e se transforma em um importante documento simbólico da memória ecológica e social do sul da Bahia, funcionando como uma chave de leitura para entender processos históricos mais amplos.

A relação entre História e Literatura, nesse contexto, revela-se essencial para o fortalecimento de uma abordagem interdisciplinar que permita conectar conteúdos, despertar reflexões e formar sujeitos críticos. Ao se utilizar obras literárias como fontes históricas, amplia-se o horizonte de análise do passado e se valoriza o papel da sensibilidade, da linguagem e da representação na construção do conhecimento histórico. Dessa maneira, a História Ambiental não apenas analisa os efeitos da ação humana sobre a natureza, mas também se compromete com a formação ética e política dos indivíduos, voltando-se para os desafios do presente.

A necessidade de repensar os modelos de desenvolvimento, de consumo e de ocupação territorial torna urgente o debate sobre sustentabilidade. Assim, entende-se que a responsabilidade ambiental não deve ser vista como uma tarefa exclusiva das ciências naturais, mas como um compromisso coletivo, que envolve também as humanidades, a educação e a cultura. A escola, como espaço de formação, deve assumir um papel ativo na construção de uma consciência ecológica, integrando práticas educativas que envolvam múltiplos saberes e promovam a cidadania ambiental.

Acredita-se, portanto, que a obra de Jorge Amado, ao unir denúncia social, crítica ambiental e profundidade literária, representa um caminho promissor para o ensino interdisciplinar e a formação de sujeitos ecologicamente comprometidos. Ao articular História, Literatura e meio ambiente, abre-se espaço para uma reflexão ampla sobre os caminhos da sociedade, a preservação da natureza e a construção de um futuro mais justo e sustentável.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Terras do sem fim**. 44 ed. Rio de Janeiro. Record. 1981.

DUARTE, R. H. **História & natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FURET, François. **A oficina da história**. Trad. Adrino Duart Rodrigues. Lisboa: Gradiva, 1986.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens na história**: Como o historiador mapeia a história. Tradução de Marisa Rocha Mota. Rio de Janeiro. Editora Campus Ltda. 2003.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5493296/mod_resource/content/1/ginzburgo-mitos-emblemas-sinais1.pdf. Acesso em: 6 nov. 2024.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. História e clima. **Annales: Economias, Sociedades, Civilizações**, v. 29, 1974. Tradução de Donald Worster.

LEFF, E. **Saber ambiental**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, PNUMA, 2001.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786–1888)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

SOFFIATI, A. Algumas palavras sobre uma teoria da eco-história. **Desenvolvimento e meio ambiente**, Curitiba, n. 18, p. 13- 26, jul./dez., 2008.

WORSTER, D. Para fazer história ambiental. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198- 215, 1991.